



## O meio ambiente na obra ‘O lugar do saber’ de Márcia Kambeba

Francilene Virgolino de Azevedo<sup>1</sup>  
Hélio Rodrigues da Rocha<sup>2</sup>

### Resumo

Nos anos 90, a literatura indígena ultrapassou os limites da aldeia e a produção literária dos representantes dos povos nativos alcançou maior projeção no cenário nacional. Ao transpor as narrativas orais para a cultura letrada, os escritores dos povos tradicionais também colocam em pauta questões de ordem ambientais. Propomos neste artigo demonstrar a importância da literatura como ferramenta na luta pela sensibilização de um meio ambiente preservado. Ao fazer uso da escrita, o indígena tem a possibilidade de manejá-la para uma série de finalidades, entre elas: permitir a conservação de sua identidade, reforçar suas denúncias, reivindicar seus direitos, além de evidenciar, por meio escrita, como a natureza foi e vem sendo degradada desde a chegada do europeu, o “homem moderno e civilizado”. O indígena, ao se apropriar da literatura escrita, passa a utilizá-la como um instrumento de luta, pois é uma via para expor o relacionamento do indígena com a Terra, o respeito pela mata, pelos rios e animais. O *corpus* tomado para a análise foi o recorte dos textos “Terra sem mal”, “O choro da terra”, “Intervenção humana” que se encontram na obra *O lugar do saber*, de Márcia Wayna Kambeba (2020). A autora que vive fora da aldeia onde foi criada, transporta para a obra literária os saberes, as crenças, tradições do seu povo indígena e as denúncias de como a natureza que foi domada e domesticada por ocidentais vem se degradando ao longo dos tempos. A base metodológica desta pesquisa é exploratória e de caráter qualitativo, tendo como aporte uma bibliografia que prioriza conceito de literatura por intermédio de Antônio Candido (2004), e do autor Greg Garrard (2006) com a obra *Ecocrítica*. Para o desenvolvimento da pesquisa os autores indígenas como Márcia Wayna Kambeba (2018-2020), Daniel Munduruku (2018), Ailton Krenak. (2019) contribuíram com a composição do texto.

**Palavras-chave:** Literatura Indígena; Márcia Wayna Kambeba; Meio Ambiente; Ecocrítica

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: francilenevedo@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Teoria e História Literária (UNICAMP). Professor na Universidade Federal de Rondônia. E-mail: heliorocha@unir.br

## Abstract

In the 1990s, indigenous literature went beyond the limits of the village and the literary production of representatives of native peoples achieved greater projection on the national scene. By transposing oral narratives to literate culture, writers from traditional peoples also raise environmental issues. In this article, we propose to demonstrate the importance of literature as a tool in the struggle to raise awareness of a preserved environment. By making use of writing, the indigenous have the possibility of handling it for a number of purposes, including: allowing the preservation of their identity, reinforcing their complaints, claiming their rights, in addition to showing, through writing, how nature was and it has been degraded since the arrival of the European, the “modern and civilized man”. The indigenous, by appropriating written literature, starts to use it as an instrument of struggle, as it is a way to expose the relationship of the indigenous with the Earth, respect for the forest, rivers and animals. The corpus used for the analysis was the clipping of the texts *Terra sem mal*, *O choro da terra*, Human intervention found in the work “The place of knowledge” by Márcia Wayna Kambeba (2020). The author, who lives outside the village where she was raised, brings to her literary work the knowledge, beliefs, traditions of her indigenous people and the denunciations of how nature that was tamed and domesticated by Westerners has been degrading over time. The methodological basis of this research is exploratory and qualitative, having as input a bibliography that prioritizes the concept of literature through Antônio Candido (2004), Greg Garrard (2006) with the work *Ecocrítica*. For the development of the research indigenous authors such as Márcia Wayna Kambeba (2018-2020), Daniel Munduruku (2018) Ailton Krenak. (2019) contributed to the composition of the text.

**Keywords:** Indigenous Literature; Marcia Wayna Kambeba; Environment; Ecocriticism

## 1 Literatura indígena e o meio ambiente

São inúmeros os autores indígenas que têm se destacado no campo literário, alguns nomes com grande projeção nacional e outros ainda começando a trilhar o caminho para produzir suas narrativas. Ao fazer uso da escrita alfabética, o escritor indígena não representa somente a sua individualidade, como também transporta da oralidade para o mundo das letras uma coletividade, a história da comunidade a qual pertence. Escrevem tanto para os indígenas, como para os não indígenas, fazendo com que, dessa forma, essa literatura indígena ultrapasse os limites das aldeias e chegue ao universo do dito homem branco.

Ao percorrer o território da escrita, o indígena tem a possibilidade de manejá-la para uma série de finalidades, entre elas: permitir a conservação de sua identidade, reforçar suas denúncias, reivindicar seus direitos, além de evidenciar, por meio da escrita,

como a Natureza foi e vem sendo degradada desde a chegada do europeu, o “homem moderno e civilizado”.

Assim, o indígena, ao se apropriar da literatura escrita, passa a utilizá-la como um instrumento de luta na defesa do meio em que habita, descreve ainda a ligação direta com a Terra/terra, pautada por uma relação de dependência, sendo esta, ordenada por tradições e costumes.

Dito isso, esclarecemos que o objetivo deste artigo é demonstrar a importância da literatura como ferramenta na luta pela sensibilização de um meio ambiente conservado através do diálogo entre o texto literário e o meio ambiente sob a perspectiva da ecocrítica. A base metodológica desta pesquisa é exploratória e de caráter qualitativo, tendo como aporte uma bibliografia que prioriza os conceitos de literatura, meio ambiente e ecocrítica. Para o desenvolvimento da pesquisa foram acessadas as obras de Antônio Candido (2011), Greg Garrard (2006) e autores indígenas como Márcia Wayna Kambeba (2018-2020), Daniel Munduruku (2018), Ailton Krenak (2019) deram suporte teórico para a composição do texto.

O *corpus* tomado para a análise foi o recorte dos textos poéticos “Terra sem mal”, “O choro da terra”, “Intervenção humana” que se encontram na obra *O lugar do saber* de Márcia Wayna Kambeba (2020).

Antes de os indígenas ingressarem pelo território da literatura escrita, obviamente já eram praticantes de uma literatura oral, tradição perpetuada de geração a geração, porém, sua circularidade abrangia significativamente a população autóctone. Assim, a escrita possibilitou aos não indígenas o acesso à cultura dos povos originários.

Diante dessa temática literária, julgamos ser importante uma definição dessas três áreas do conhecimento que irão permear o texto: literatura, meio ambiente e ecocrítica. Portanto, primeiramente, o que seria literatura? Sobre o termo é fundamental a visão de Antônio Cândido (2011, p.176), que esclarece:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.  
[...] Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.

Os indígenas já possuíam contato com a fabulação, marcada por meio da oralidade, em virtude de serem considerados ágrafos. Segundo Munduruku, (2018, p.83). “A escrita indígena é a afirmação da oralidade”. Este recurso permite assim, manter viva a ancestralidade de um povo.

Referente ao meio ambiente, qual seria a sua definição? Na obra *Manual de Direito Ambiental*, Sirvinskas (2020, p.177) o define como:

Meio ambiente é o lugar onde habitam os seres vivos. É seu hábitat. Esse hábitat (meio físico) interage com os seres vivos (meio biótico), formando um conjunto harmonioso de condições essenciais para a existência da vida como um todo.

A harmonia é tão completa que o meio ambiente, além de ser um *habitat* para todos os seres vivos e não vivos, ainda provê as necessidades vitais, tais como: ar, sol, alimentos e água, sendo estes elementos fundamentais para a vida na Terra.

O estado, através de seu ordenamento jurídico, também possui uma definição para o meio ambiente. De acordo com a Lei da Política Nacional do Meio Ambiente, Lei nº 6.938 (1981), em seu art. 3º, inciso I “O conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”.

E quanto à ecocrítica, qual o significado para essa terminologia? Segundo Correa (2019, p.29) “A ecocrítica é uma nova escola de crítica literária que surgiu na década de 90, e que foi criada por um grupo de estudantes preocupados com a problemática ambiental que assolava o mundo na época [...]”. Nesse sentido, de acordo com Garrard (2006, p.14), seria o “estudo da relação entre o humano e o não humano ao longo de toda história cultural humana”.

Assim, desde a década de 90, tem havido um aumento substancial quanto aos problemas envolvendo o meio ambiente, pois a Terra, desmedidamente, vem sofrendo com as ações do homem. Diante desse cenário de tragédia ambiental, os estudos literários sobre “Gaia” ou a “Grande Mãe” passaram a ser produzidos em diversos cantos do planeta, uma vez que a ecocrítica se expandiu para além dos limites do solo inglês e da América do Norte, pois novas vozes protetivas surgiram preocupadas com ações praticadas pelo homem ao meio natural.

## 2 Márcia Wayna Kambeba e a literatura indígena

Márcia Kambeba é uma das escritoras indígenas a cruzar a fronteira da oralidade e trilhar o mundo das sociedades letradas e, com sua escrita, transporta para a obra literária os saberes, as crenças, tradições do seu povo indígena e as denúncias de como a natureza, domada e domesticada por ocidentais, vem sendo degradada ao longo dos tempos.

Na contracapa da obra *O lugar do saber* encontra-se uma breve descrição da autora Márcia Wayna Kambeba, mulher indígena pertencente ao povo Omágua/Kambeba no Amazonas, Alto Solimões. Nascida na Aldeia Belém do Solimões, do povo Tikuna, Kambeba é mestra em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas, e, além de escritora, é poeta, compositora, fotógrafa, ativista e profere palestras sobre a importância da cultura indígena.

A poesia dessa mulher indígena procura mostrar a violência cometida contra os povos originários; os conflitos vivenciados por aqueles que optaram ou foram de alguma forma levados a viver nas cidades. Suas obras literárias são: *‘AykakyriTama – Eu moro na cidade’*, lançada em 2018, enquanto *O lugar do saber* da série *Saberes da Floresta* foi publicada em 2020.

A última obra tem como demanda dar voz e visibilidade às histórias contadas e escritas exclusivamente por pessoas pertencentes aos povos originários do Brasil. O livro foi produzido apenas com dois textos, sendo o primeiro “O rio que corre em mim é um rio de memórias” e finalizando com ‘Território, identidade, memória e cultura dos povos da terra’. Entre os textos, encontram-se as poesias, as quais não seguem nenhum padrão e suas estruturas não são uniformes; há poemas escritos em língua indígena com a tradução para a língua portuguesa, sendo essa uma das características da produção literária indígena. O uso da língua materna é a representatividade de sua alteridade.

A autora, por intermédio da escrita de *Saberes da Floresta*, rememora as suas lembranças de um período vivido entre os Tikuna, como ela mesma cita na introdução: “Tive a honra de nascer na aldeia do povo Tikuna chamada Belém do Solimões e receber minhas primeiras lições de vida” (KAMBEBA, 2020, p.12). Ao relembrar o período vivido na localidade, ela traz para o presente os acontecimentos de sua infância, como a liberdade para brincar, os saberes dos antepassados e as atividades diárias realizadas pelos moradores da comunidade.

Assim como os demais autores, a escritora utiliza o recurso literário da cultura letrada como ferramenta para fazer o registro de narrativas orais indígenas, em que evidencia a relevância de documentarem os saberes tradicionais. A escrita indígena é permeada de resistência, memória, história e denúncias. E, de acordo com a última, ela expressa preocupação sobre como o homem vem se relacionando com o meio em que vive. Através de suas poesias, relata como se encontra a Terra, principalmente após o desembarque dos europeus na América.

Ao aportar na América, o europeu desenvolveu práticas imperialistas também ecológicas, uma vez que ao cruzar o oceano, trazia em seus deslocamentos plantas, animais domésticos e silvestres e todos os implementos necessários para fazer a terra produzir. Segundo Garrard (2006, p.175), “[...] os brancos trouxeram arados, gado, porcos, capim resistente de talos curtos, ervas daninhas europeias, varíola, sarampo e caxumba e expulsaram, numa agressão ecológica conjunta, os índios, a grama alta e os bisões.” O autor faz uma referência à América do Norte, mas esse imperialismo ecológico também foi aplicado, tanto pela colonização espanhola, quanto pela portuguesa, nos seus domínios além-mar.

Kambeba une dois temas que são essenciais para a vida humana: a literatura e um ambiente conservado e preservado. E, como bem defende Candido (2004, p.174-175), a literatura é um direito humano assim como outros direitos garantidos em lei, ela é tão fundamental na vida do homem, pois é capaz de humanizar e manter um equilíbrio social. E com relação ao meio ambiente, apregoado pela Constituição (1988), no artigo 225, do capítulo cinco, fica evidenciado que

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

Pelo fato de a escritora ter pertencido e convivido tão próxima dos recursos naturais, ela conhece de perto as transformações geradas pelo homem no meio ao qual esteve inserida.

Na poesia “Terra sem mal”, a autora expressa a sua gratidão pela Mãe Terra, visto que essa supriu todas as necessidades vitais do homem. Porém, este mesmo ser não retribui com o mesmo apreço e cuidado as dádivas recebidas, entre elas a mais preciosa, que é a alimentação.

## TERRA SEM MAL

Nasceu forte e brilhante,  
Acolhendo os seres que viviam aqui,  
Fértil gera a vida,  
Faz o bem até para quem a tenta ferir.  
Sua beleza se traduz no cuidado  
De não deixar faltar o pão,  
Faz crescer o cará e a macaxeira,  
Nutre de doçura a melancia e o mamão.  
Tem no rosto a suavidade de uma ave.  
De tanto peso uma corcunda criou.  
Mas é santa por ser mãe e amar  
Os que nela vivem e não param para pensar.  
No verde da imensidão,  
Na cor que vem das plantas e flores,  
Porque tantos dissabores  
Em achar que a terra é ruim ou imortal?  
Tem na essência a força de se renovar,  
Mas é preciso a respeitar como tal.  
Nhanderú nos deu uma missão,  
De defendermos essa beleza sem igual.  
Vivemos numa terra sem mal,  
Mas seu solo pode degradar,  
E aí? Ela sente, chora, se vai,  
Mas traz na alma a imortalidade,  
E cuida, desconsiderando tanta crueldade.  
A maldade não vem da terra,  
A dor e destruição vem das mentes reais,  
Traduzida na nossa maneira de agir,  
Nós, seres racionais.

(KAMBEBA, 2020, p.18)

A Terra é a grande provedora da vida de todo organismo vivo que nela habita. E como poeticamente afirma Kambeba. “Os que nela vivem e não param para pensar”. O ser humano verdadeiramente pensa. A humanidade apenas visualiza as vantagens obtidas com a exploração da “Mãe Terra”, denominação dada pelos indígenas. O homem torna-se, então, o centro e a Terra o seu objeto de conquista. Passa, então, a utilizar desordenadamente os recursos naturais disponíveis, como se eles não fossem um dia exaurir-se. Esse processo transformador destrutivo tem início com o surgimento humano na Terra. De acordo com Sato (2018, p.20), “após seu surgimento na Terra, toda paisagem se modifica em função de seus hábitos culturais, olhares, valores e modos de vida.” O antropocentrismo, com uma visão direcionada apenas para o crescimento econômico, tem

como consequência a exaustão dos recursos naturais, o desequilíbrio do meio natural levando, assim, a Terra a não suportar tanta exploração.

Quando a escritora declara que “Nhanderú é o Grande espírito ou Deus na cultura não indígena”, quer dizer que esse ser divino nos deu uma missão, de defendermos essa beleza sem igual, (2018, p.39). Assim, a cosmogonia dos povos originários está intrinsecamente conectada com a “Mãe Natureza”, com o respeito à origem do universo e de todas as coisas que há no mundo. A autora expõe isso quando, através da literatura indígena, discute ações do homem sobre o meio ambiente. E cuidar da beleza sem igual tem o significado de garantir, para as gerações futuras, a possibilidade de viver em um ambiente conservado, demonstrando, à Terra, o cuidado, a gratidão e o respeito.

O texto poético sob título “O choro da terra” apresenta as mudanças provocadas no meio ambiente, principalmente a Terra habitada pelos povos originários com a chegada do progresso.

#### O CHORO DA TERRA

Quando em mim a vida se fez  
Te moldei e te formei,  
Fui cuidando, te alimentei,  
Na velhice te abriguei.  
Tu em resposta me adubavas,  
Consumia o que precisava,  
Não tinha plástico, nem poluente,  
Convivia em paz com tua gente.  
Mas eu vi o progresso chegar,  
Aos poucos comecei a sangrar,  
Retalhada por fronteiras,  
Fui alvo de luta e dor,  
Poluída e enfraquecida estou.  
Seguro o peso do mundo,  
Abrigo plantas e animais,  
Eu sou a herança que Mãe te deu.  
E nessa luta pela vida,  
O choro não é só meu.  
Pela vida e biodiversidade,  
Não faz maldade, pensa no filho teu.

(KAMBEBA, 2020, p.17)

O progresso chega pelas mãos dos europeus, em 1492. Ao aportar nas terras do Novo Mundo, os ocidentais tinham um projeto de colonização bem definido. De acordo com Ailton Krenak, um dos nomes indígenas mais conhecidos quando se fala sobre a luta envolvendo questões ambientais,



A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível (KRENAK, 2019, p.12).

Iniciava, então, a partir do século XVI, a dominação de uma sociedade considerada superior sobre uma acusada de inferioridade; uma sociedade avaliada como moderna sobre uma sociedade vista como atrasada.

Com a chegada dos europeus, o ambiente natural, no Novo Mundo, até então conservado, é submetido a sua degradação. Como afirma Sirvinskaskas (2020, p.119),

O homem primitivo não agredia a natureza de maneira indiscriminada. Apenas procurava extrair do meio aquilo que era necessário ao seu sustento. Suas necessidades básicas eram poucas. Não se falava, até então, em agressão à natureza.

Por se considerar parte da natureza, o indígena utiliza seus recursos com equilíbrio e responsabilidade. Segundo Kambeba (2018, p.11), “Os povos indígenas, mesmo que de formas diferentes, mantêm o mesmo ideal: conservar a cultura originária como herança ancestral. Sempre em contato com a natureza, da qual sentem-se parte integrante”. Garrard (2006, p.176) assevera que o primeiro discurso ecológico produzido por um indígena, cacique da tribo Seatte, nos Estados Unidos, ocorreu em 1854, em defesa do meio ambiente, ao se colocar contra uma exigência do governo norte-americano em ceder mais terras dos nativos. Nesse mesmo sentido, Sirvinskaskas faz referência também ao discurso e transcreve na íntegra o texto distribuído pela ONU (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA). Citemos um fragmento do texto.

Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção de terra, para ele, tem o mesmo significado que qualquer outra, pois é um forasteiro que vem à noite e extrai da terra aquilo de que necessita. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, e, quando ele a conquista, prossegue seu caminho. (SIRVINSKASKAS, 2020, p.111).

A relação do indígena com a Terra, o sentimento de pertencimento à terra, era manifestado em qualquer parte do continente americano, diferentemente do colonizador, que a percebia apenas como algo a se conquistar e dominar.

Márcia Kambeba, em suas poesias, dá enfoque para esse homem que domina todo meio que o cerca, compara aos outros animais, posto que é o mais capaz entre todos, dotado de razão e conhecimento. Contudo, a sua intervenção é destrutiva, pois é capaz de provocar danos irreparáveis ao lugar em que se encontra. Na composição poética “Intervenção humana”, Kambeba assevera:

#### INTERVENÇÃO HUMANA

O homem como ser animal,  
De todos é o mais perigoso,  
Pelo seu diferencial.  
É dotado de inteligência,  
Tem o domínio da ciência,  
É um ser sensacional,  
Homem de grande sapiência.  
Domina a fala e a escrita,  
Constrói a morada onde habita,  
Defensor da ética e da moral,  
Faz o bem e faz o mal.  
Mas destrói a natureza sem pena,  
E nessa intervenção humana,  
Contribui para um desastre total.  
Não destrói com tua vida.  
Pensas que és imortal?

(KAMBEBA, 2020, p.38)

Os resultados das interferências do ser humano no planeta têm sido noticiados, dia após dia, catástrofes no mundo inteiro são divulgadas. O Brasil não fica fora desses flagelos. Temos dois exemplos de desastres ambientais sem precedentes ocorridos em Minas Gerais nos últimos tempos.

Esses versos de Kambeba também servem para ilustrar a destruição sistemática da floresta Amazônica, que vem sendo degradada pela ação exploratória humana. Uma floresta devastada pelo desmatamento, pela falta de controle dos incêndios florestais ou ainda explorada de forma desordenada, com atividades voltadas para o setor agrário ou a mineração. O Agro é tudo, como proclamam vários comerciais televisivos.

#### **Considerações Finais**

O homem precisa urgentemente desenvolver condições que o permita viver em um ambiente equilibrado, o fundamental para a continuidade da espécie humana na face da Terra. Do contrário, como afirma Ailton Krenak (2020), ela poderá nos excluir por não

suportar a nossa demanda. Como todos sabem, a forma como a humanidade vem se relacionando com o meio tem produzido consequências desastrosas aos humanos e não humanos do planeta.

Por intermédio da literatura indígena é possível verificar uma escrita denúncia, como conclama Kambeba, posto que é uma ferramenta de combate e deve ser utilizada na área da educação, num exercício de sensibilização voltado para as questões ambientais. Como afirma Candido (2004), denunciar, combater e educar estão vinculados à literatura. Ainda de acordo com o autor (2004, p.180), “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” Kambeba, assim como os demais escritores indígenas, procura imprimir em suas obras os saberes tradicionais e, dentre esses saberes, está o respeito pela natureza, principalmente pelo fato de se aproveitar dela somente o necessário para a vida.

Os ecocríticos reconhecem a relação desarmoniosa e o desequilíbrio ambiental provocados pela intervenção humana e, segundo Garrard (2006, p.16), eles podem contribuir com discussões sobre os problemas ecológicos enfrentados pelo mundo na contemporaneidade.

À luz da ciência ou da literatura foi constatado e comprovado que o mundo tem uma problemática gigantesca quando o assunto é o meio ambiente. Mesmo que por intermédio de criações de leis protetivas, das ações de entidades civis, das organizações não governamentais ao redor do mundo empenhadas em salvaguardar o espaço natural ocupado pela humanidade, mesmo com todas essas ações políticas, torna-se imperativo uma postura de atitude e mudança por parte do homem, quanto a sua relação com a natureza. Urge perceber e reconhecer a sua dependência em relação a Terra e não o contrário; percebê-la como um organismo vivo e não como um objeto a ser conquistado.

Gadotti (2001, p.86) acredita que, se a humanidade não procurar desenvolver uma “consciência e uma cidadania planetárias, isto é, reconhecermos que somos parte da Terra e que podemos viver com ela em harmonia participando do seu devir ou podemos perecer com a sua destruição”. Portanto, com essa capacidade humana destrutiva proveniente de uma ausência de cuidado, de proteção, de preservação com o planeta, o homem está fadado ao desaparecimento.

## Referências

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Lei Nº 6938, de 31 de agosto de 1981. Política Nacional do Meio Ambiente. Brasília, DF: **Portal da Câmara**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-6938-31-agosto-1981-366135-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 19 de jul. de 2021.

BRASIL. Senado Federal. **Emenda Constitucional nº109, de 1988**. O art. 225 da Constituição Federal, fala sobre os direitos ao Meio Ambiente. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: [https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988\\_15.03.2021/art\\_225\\_.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.03.2021/art_225_.asp). Acesso em: 15 de jul. de 2021.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5. Ed. São Paulo, Rio de Janeiro, 2011.

CORREIA, Fernanda Bezerra de Aragão. **Literatura e meio ambiente**: uma abordagem poética em Manoel de Barros. Tese (doutorado em Desenvolvimento e meio Ambiente), Universidade Federal de Sergipe. 2019.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**: Ecopedagogia e educação sustentável. Buenos Aires. Editora CLACSO, Consejo Latino americano de Ciencias Sociales. 2001. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101010031842/4gadotti.pdf>. Acesso em; 18 de jul. de 2021.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: editora Universidade de Brasília. Tradução de Vera Ribeiro, 2006.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018, pág. 39 – 44.

\_\_\_\_\_. Márcia Wayna. **O lugar do saber**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.

\_\_\_\_\_. Márcia Wayna. O choro da terra. In. \_\_\_\_\_. **O lugar do Saber**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. p.17.

\_\_\_\_\_. Márcia Wayna. Terra sem mal. In. \_\_\_\_\_. **O lugar do Saber**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. p.18.

\_\_\_\_\_. Márcia Wayna. Intervenção Humana. In. \_\_\_\_\_. **O lugar do Saber**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.p.38.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras. 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **A literatura indígena não é subalterna**. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/a-literatura-indigena-nao-e-subalterna>.>. Acesso: em 06 de jul. de 2021.

SATO, Michèle. **Educação Ambiental:** tessituras de esperanças. Regina Silva, Michelle Jaber. Cuiabá: Editora Sustentável, EDUFMT, 2018. Disponível em: <[https://editorasustentavel.com.br/wpcontent/uploads/2018/05/EDUCACAO\\_AMBIENTAL\\_Tessituras-de-Esperancas\\_ebook.pdf](https://editorasustentavel.com.br/wpcontent/uploads/2018/05/EDUCACAO_AMBIENTAL_Tessituras-de-Esperancas_ebook.pdf)>. Acesso em: 10 de jul.de2021.

SIRVINSKAS, Luís Paulo. **Manual de direito ambiental.** 18. ed. - São Paulo : Saraiva Educação, 2020 .Disponível em: <<https://forumturbo.org/wpcontent/uploads/wpforo/attachments/2/6257-Manual-de-Direito-Ambiental-18ed-2020-Lus-Paulo-Sirvinskas.pdf>>. Acesso em: 16 de jul. de 2021.